

Resenha

LEAR, J. 2006. *Aristóteles: o desejo de entender*. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo, Discurso Editora, 488 p.

A primeira frase da *Metafísica* diz que “todos os homens têm, por natureza, desejo de conhecer”. Precisamente este é o ponto onde Lear inicia a sua introdução ao estudo da filosofia de Aristóteles, apresentando os textos aristotélicos da *Física*, da *Metafísica*, da *Ética*, da *Política* e das obras biológicas e lógicas. Escrito de modo direto, com notas ao pé da página onde o autor nos convida a examinarmos os textos de Aristóteles, o texto apresenta este pensador grego de modo instigante em seis capítulos.

O homem não nasceu com o conhecimento, mas, sim, com a capacidade para que este seja adquirido. Para tal, a experiência é importante, quando, através dos repetidos encontros com as coisas no mundo, a memória absorve as discriminações sensoriais transformando as experiências adquiridas em formas mais abstratas de conhecimento – *technai* e *epistemai*. Um aspecto a ser considerado é o fato de que o ser humano não simplesmente observa os fenômenos, mas quer saber *por que* ocorrem. Nesta sua procura por explicações, encontra inevitáveis dificuldades e *aporias*, acabando por buscar um entendimento – a *episteme* – da verdade. Para isso acontecer a busca é iniciada pela compreensão do mundo e, depois, pelo entendimento dentro deste, levando o ser humano a entender quem ele próprio é. No entanto, ao se entender mais, ele mais entende o mundo.

Por existirem coisas possíveis de serem divididas em coisas que existem por natureza e outras que existem por outras causas, Aristóteles afirma que a natureza é onde encontramos o princípio interno de mudança. Os organismos vivos (animais e plantas) e as partes deles (terra, ar, fogo e água) têm um princípio de mudança e de repouso. Daí surge o artefato, que surge a partir de outra causa que depende de uma fonte externa, o artesão, que o constrói partindo de uma fonte externa, passando por um processo pelo qual a matéria chega a tomar uma forma particular. Num organismo jovem e sadio, a forma é uma força interna que o impulsiona na direção da realização de seu fim, *telos*. Por isso, a forma é tanto aquilo na direção do que o processo está dirigido como, também, aquilo que está dirigindo o processo; demonstrando que a forma não é uma propriedade do organismo, mas é constitutiva do verdadeiro *ser* do organismo.

Não podemos entender alguma coisa sem termos o *porquê* dela. O *porquê* é aquilo a respeito do que devemos ter curiosidade, caso quisermos entender alguma coisa, buscando a causa primária. Temos, assim, as quatro causas de alguma coisa, isoladas por Aristóteles: material, formal, eficiente e final. O ser humano, porque tem um determinado lugar no mundo e quer entendê-lo, aprecia desnudar a racionalidade da natureza, compreendendo suas causas e mudanças. Os meios para isso acontecer passam pela: (a) finitude, quando se procura entender a infinitude, que, assim como a matéria, não contém o mundo, mas nele está contida, já que aquilo que contém é a forma; e, (b) infinitude do tempo, apresentando o processo do *antes* e do *depois* e que, no caso da alma, não depende de mudanças externas para tomar consciência da passagem do tempo, mas fornece a oportunidade de tornar a mudança inteligível.

A alma é parte integrante da natureza do ser humano. Para Aristóteles, ela ajuda a explicar duas capacidades importantes da vida animal: a de movimento e a do pensamento, já que ela é a forma de um corpo natural que tem, potencialmente, vida dentro de si. Portanto, tem engendrado no seu âmago o princípio interno de mudança e de repouso.

O ser que adquiriu de fato o conhecimento ultrapassou o estágio de ser meramente capaz de aprender, sendo, por isso, o conhecimento considerado uma atualidade, que acontece nos seres ao estarem contemplando, quando o conhecimento está ativo, através da percepção e do movimento.

Visto que o ato de consciência perceptiva é a manifestação de uma interação causal entre dois objetos distintos, um objeto físico e uma faculdade sensitiva; a atualização, nesta, é o ato de perceber e que ocorre no espectador que, por sua vez, irá utilizar ativamente este conhecimento a fim de constituir um tipo de mudança (*kinesis*). Vale lembrar que a percepção, na concepção aristotélica, é responsável apenas por captar a forma perceptível e não a matéria.

Para se entender a mudança que ocorre na alma do homem, quando ele se move de um estado de ignorância para um de entendimento, através da qual ele compreende como os objetos encontrados na natureza realmente são, imprescindível é identificar o lugar onde isso acontece: a mente. Esta, por sua vez, tem a capacidade de captar a inteligibilidade do mundo, isto é, sua capacidade de ser entendida. Por esta razão, uma característica do ser humano é ser, intuitivamente, um entendedor sistemático da natureza.

Quando consegue tornar o mundo inteligível, o homem adquire um entendimento aprofundado de como ele próprio é. Por isso se faz necessário pensar as coisas sem matéria, ou seja, as formas ou essências. Disso decorre que, ao pensar sobre estas, a mente nelas se transforma.

Na medida em que o ser humano chega a entender o mundo, sua mente pode espelhá-lo, já que a mente é a mais alta expressão das próprias formas. Por isso, a distinção entre causa e matéria deve ser encontrada no interior da alma, já que ela é encontrada no interior da natureza, o que leva Aristóteles, então, a afirmar ser a mente um elemento divino no homem. Lear enfatiza que, nesse aspecto, deveríamos tomar Aristóteles ao pé da letra.

A mente, no entanto, também é fonte de ação, pois é capaz de realizar coisas. A força que motiva algo ser realizado pela mente é o desejo, que se apresenta tanto na mente prática como no apetite. E daí decorre a escolha deliberada, a *prohairesis*, que é uma deliberação de como se irá transmitir o desejo. Esta decisão deliberada é a última etapa para a mente que sai de dentro de si mesma e se estende para fora, na direção da ação.

Por conseguinte, a deliberação não é um mero processo intelectual, mas, sim, um transmissor do desejo porque não deliberamos sobre fins, mas sobre aquilo que contribui para os fins, ou seja, a transmissão das premissas à conclusão. O desejo humano, por sua vez, é organizado de forma sistemática na ética.

Em nosso tempo temos uma visão sobre ética diferente da que Aristóteles tinha, devido, principalmente, à perda de confiança na capacidade da crença religiosa em fundamentar a moral. Hoje em dia, a ênfase é maior na intenção do que no ato, e a virtude acaba por denotar uma qualidade de espírito interior que não necessita, obrigatoriamente, de manifestações exteriores, ao contrário da virtude para os gregos – *arete* – que significava *excelência* ao se fazer algo e que exigia uma manifestação nesta vida.

A partir de Kant esta separação é estabelecida. Ele procurou formular uma justificação, para a vida da virtude interior, que não fosse dependente da recompensa numa vida após a morte, a fim de o homem realizar sua mais elevada liberdade.

Aristóteles, em sua *Ética a Nicômaco*, nos ajuda a construir um entendimento reflexivo de como se pode conseguir a felicidade vivendo uma vida ética dentro da

sociedade, haja vista que a genuína busca de felicidade e a vida virtuosa são uma e a mesma coisa para os gregos. A ética, para eles, não é um terreno onde se possa ditar as regras de agir; e a felicidade humana não é algo que possa ser adequadamente entendido a partir de uma perspectiva exterior. No agir virtuosamente a vida feliz é constituída e não pode ser entendida por uma pessoa não-virtuosa.

As virtudes éticas, por sua vez, são inculcadas no homem através do hábito e, por este motivo, Aristóteles defendia a idéia de que suas lições sobre ética não teriam utilidade para os mais jovens, visto lhes faltar vivência e hábito.

Já, em se falando de vida, há dois tipos: (1) a vida ética ou política, a qual é ativa dentro da sociedade; e (2) a vida contemplativa, aquela que se abandona à filosofia e está, relativamente, afastada da vida política dentro da sociedade.

Por ser um animal político e por, também, ter o desejo de entender, o homem se pergunta como pode preencher sua natureza política e, ao mesmo tempo, realizar plenamente o seu desejo inato de entender. Dessa necessidade, surge a necessidade de um sistema lógico, a fim de atingir a estrutura da realidade e que guiou Aristóteles em suas investigações abstratas sobre a natureza da realidade.

A descoberta da lógica formal constitui uma das mais importantes realizações intelectuais de Aristóteles, o que ele próprio orgulhosamente reconhece na conclusão de seus trabalhos de lógica. Os argumentos rigorosos são utilizados pelos filósofos para expandir seus conhecimentos a respeito do mundo, a fim de compreendê-lo e provar o que é verdadeiro a seu respeito.

A matemática e a metafísica estão inseridas dentro desta lógica, estabelecendo e ordenando abstrações num processo continuado, levando a compreensão de que o homem é capaz de conduzir as investigações sobre a estrutura geral da realidade. Realidade esta que tem uma determinada estrutura organizada e que apresenta como princípio mais incontestável o princípio da não-contradição.

Lear finaliza seu livro, apresentando o que denomina "um guia turístico do livro VII da *Metafísica*", e, também, as concepções de Aristóteles sobre a natureza.

O desejo de entender, para Jonathan Lear, é um esforço para tornar a escrita de Aristóteles mais acessível. Por essa razão, cada capítulo inicia com uma lista dos textos a serem discutidos. Ao citar diretamente Aristóteles, tece comentários sobre a tradução e oferece sugestões de comentários, ajudando o leitor a não perder o contato com a obra do estagirita.

Este é um livro que merece ser lido nos cursos de graduação em filosofia, pois nos apresenta Aristóteles bem como seu pensamento de modo sistemático e lúcido. Da mesma forma, o texto constitui um interessante manual para pessoas não iniciadas em filosofia e que desejam conhecer este pensador grego que é referência indiscutível para construção do conhecimento e do desejo de entender. Quanto à parte da revisão gráfica, deveria ser mais criteriosa e atenta, pois o texto apresenta algumas falhas nesse sentido. Saliento que isso não está relacionado com o texto original de Lear, visto que este foi concebido e redigido na língua inglesa.

A obra, dentro da idéia que Lear se propôs e que está explicitada no seu prefácio, é bastante boa e merece ser recomendada como leitura introdutória qualificada à compreensão de Aristóteles.

Clóvis V. Gedrat

Mestrando em Filosofia do PPG Filosofia Unisinos

E-mail: clovis@sinodal.com.br

Luiz Rohden

Professor do PPG Filosofia Unisinos

E-mail: rohden@unisinos.br